

JUNICHIRO
TANIZAKI

Em louvor da sombra

Tradução do japonês e notas de
LEIKO GOTODA

Prefácio de
PEDRO ERBER



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2017 by Companhia das Letras

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Penguin and the associated logo and trade dress are registered and/or unregistered trademarks of Penguin Books Limited and/or Penguin Group (USA) Inc. Used with permission.

Published by Companhia das Letras in association with
Penguin Group (USA) Inc.

TÍTULO ORIGINAL

In'ei raisan

REVISÃO

Huendel Viana

Luciane Gomide

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Tanizaki, Junichiro, 1886-1965.

Em louvor da sombra / Junichiro Tanizaki ; tradução do japonês e notas de Leiko Gotoda; prefácio de Pedro Erber. — 1ª ed. — São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2017.

Título original: In'ei raisan

ISBN 978-85-8285-059-6

I. Ensaios japoneses 2. Estética japonesa I. Gotoda, Leiko. II. Erber, Pedro. III. Título.

17-06597

CDD-895.64

Índice para catálogo sistemático:

I. Ensaios: Literatura japonesa 895.64

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.penguincompanhia.com.br

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

Prefácio — Pedro Erber	7
EM LOUVOR DA SOMBRA	15
<i>Nota da tradutora</i>	65

Em louvor da sombra

Hoje em dia, qualquer indivíduo interessado em construir sua própria casa no mais puro estilo arquitetônico japonês precisa recorrer a uma série de estratégias engenhosas para harmonizar certas instalações como rede elétrica, de água e de luz com a sobriedade dos aposentos japoneses, estratégias que, assim acredito, mesmo aqueles que nunca passaram pela experiência de construir uma casa são capazes de perceber ao entrar em estabelecimentos tradicionais como casas de chá, restaurantes ou hospedarias. Pois por mais que queiram seguir fielmente os costumes japoneses, tais amantes da arquitetura japonesa — aqui desconsiderados o excêntrico ermitão ou o austero apreciador da arte do chá que, ignorando conquistas científicas, preferem erigir singela cabana colmada em localidades remotas — jamais conseguirão evitar a instalação, em seus lares, de certas comodidades como aquecimento central, luz elétrica e aparelhos sanitários, essenciais no cotidiano de suas famílias. Nesta altura, o purista dará tratos à imaginação para, por exemplo, tornar menos conspícua a presença de um simples aparelho telefônico, relegando-o para o fundo de uma caixa de escada ou o canto escuro de um corredor. E se além disso resolver adotar também outras medidas, como enterrar a fiação do jardim, ocultar o comutador de luz no interior de armários ou de compartimentos ao rés do chão, ou

ainda providenciar para que fios elétricos aparentes se esgueirem por trás de biombos, correrá o risco de ver tanta criatividade transformar-se em motivo de contrariedade por excesso de zelo. No caso das lâmpadas elétricas, por exemplo, a verdade é que nossos olhos já se habituaram à presença delas e, a tomar meias medidas inadequadas com o intuito de camuflá-las, creio ser muito melhor mantê-las nuas, apenas protegidas por convencionais quebra-luzes de vidro leitoso, pois assim terão aspecto mais simples, natural. Tanto é verdade que, quando viajo por uma região rural ao entardecer e avisto pela janela do trem uma dessas lâmpadas providas de antiquado quebra-luz leitoso a brilhar solitária por trás do *shoji** de rústicas casas colmadas, o cenário chega a me parecer poético. Esse porém não é o caso dos ventiladores que, tanto pelo ruído como pelo formato, ainda hoje não se harmonizam com aposentos japoneses. Numa residência, poderiam até ser totalmente banidos caso seu uso não agrade ao dono, mas num estabelecimento comercial o gosto do proprietário nem sempre pode prevalecer em detrimento do bem-estar de eventuais hóspedes, principalmente no verão. O proprietário do restaurante Kairakuen, meu amigo e também ferrenho defensor do mais puro estilo arquitetônico japonês, recusou-se durante muito tempo a ter ventiladores em seu estabelecimento, mas, de tanto ouvir reclamações de clientes todos os anos no período do verão, acabou cedendo e os instalou afinal.

Eu mesmo passei por experiência semelhante há alguns anos ao construir minha casa — e gastar mais do que podia —, pois percebi que a meticulosidade excessiva

* *Shoji*: painel, geralmente correção, cuja estrutura de madeira leve forma pequenos quadrados vedados por folhas de papel japonês (*washi*). São geralmente usados para compartimentar aposentos, assim como para vedar janelas e o lado interno das varandas.

na escolha de acabamentos e de complementos acarreta dificuldades inesperadas. Por exemplo, o acabamento dos *shoji*: por meu gosto, jamais os revestiria de vidro, mas se me mostrasse rígido demais optando por papel em todas as circunstâncias, ver-me-ia imediatamente às voltas com problemas de iluminação e de segurança. Em desespero de causa, optei por revesti-los de papel internamente e de vidro externamente. Para que esta opção se tornasse exequível, precisei instalar molduras duplas, uma para o *shoji* externo e outra para o interno, medida que acarretou considerável acréscimo de dispêndio e trouxe, ao contrário do que esperava, resultado decepcionante, já que visto por fora transformou-se em simples painel envidraçado e, por dentro, o *shoji* revestido de papel não proporcionou os esperados aconchego e suavidade por causa da existência, por trás dele, do outro, acabado em vidro. Nessa altura, e só então, concluí arrependido que se era para obter tão pífio resultado eu devia ter optado por revesti-los unicamente de vidro desde o início, conclusão capaz de provocar o riso do espectador descomprometido, mas a que eu mesmo só cheguei depois de lançar mão de todos os expedientes imagináveis para manter os *shoji* revestidos de papel. A iluminação também constituiu-se em outro problema: modernamente, existem à venda diversos tipos de luminária elétrica que se harmonizam com o ambiente japonês, desde modelos que imitam abajures* e lanternas de papel** medievais até os que pendem do teto em forma de globos achatados*** ou de candelabros,**** mas como

* No original, *andon*: estrutura de madeira cercada de papel, em cujo interior era introduzido um prato raso de óleo destinado a alimentar a chama de um pavio.

** No original, *chouchin*: lanterna portátil semelhante a um tubo de papel, dentro do qual se levava a vela acesa.

*** No original, *happoshiki andon*.

**** No original, *shokudai*.

nenhum me agradou, procurei em lojas especializadas autênticos exemplares de antigos abajures de cabeceira e de lamparinas alimentadas por querosene* e a eles adaptei bulbos elétricos.

Especialmente problemática mostrou-se a esquematização do sistema de aquecimento. Nenhuma estufa que se preze tem formato adaptável a um *zashiki*** japonês. A alimentada a gás, por exemplo, além do inconveniente de rugir quando acesa, precisa ser complementada com chaminé, sem a qual quase certamente provocará enxaqueca nos usuários. Nesse aspecto, o ideal é a estufa elétrica, mas o problema da forma que não se coaduna com ambientes japoneses persiste. Compartimentar ao rés do chão um aquecedor elétrico do tipo usado em vagões de trem seria uma boa saída, mas a ausência de uma chama queimando rubra em noites frias me privaria do prazer de apreciar devidamente tanto o inverno quanto a reunião familiar em volta do fogo. Depois de muito dar tratos à imaginação, mandei cavar no piso da sala de estar um grande braseiro semelhante aos existentes em casas rurais e dentro dele instalei brasas elétricas, esquema que se mostrou eficaz para aquecer o ambiente e também para ferver uma água, e que, exceto pelo alto custo, considerarei uma adaptação estilosa de um sistema ocidental.

O aquecimento a funcionar satisfatoriamente, tive em seguida de enfrentar o problema do banho e do sanitário. O proprietário do Kairakuen, o amigo já mencionado, não gostou da ideia de azulejar a sala de banho e a banheira,*** e optou por revestir de genuína madeira as instalações destinadas a hóspedes, mas, nem é preci-

* No original, *makura andon* e *ariake andon*.

** *Zashiki*: sala de visitas ou de estar.

*** Na maioria das casas japonesas há um aposento reservado apenas para o banho, no qual são instalados banheira (furô) e chuveiro, e outro, separado, com vaso sanitário e pia.

so dizer, o azulejo é muito mais adequado do ponto de vista higiênico como também mais econômico. O único problema é que, quando se usa madeira japonesa de boa qualidade em pilares, forro e lambris, a área revestida de chamativos e brilhantes azulejos passa a destoar do conjunto. A princípio, o contraste nem é tão notável, mas com o passar dos anos e o envelhecimento da madeira, pilares e lambris escurecem evidenciando a beleza dos veios, momento em que a brancura ofuscante do azulejo destoa como sol no meio da noite. Seja como for, na sala de banho a praticidade pode até ser sacrificada em nome do bom gosto, mas no banheiro os problemas tornam-se mais complexos.

Sempre que, em templos de Kyoto ou Nara, sou conduzido a uma escura e antiquada latrina* impecavelmente limpa, sinto renovar-se em mim a admiração pela arquitetura japonesa. *Zashiki*, as salas de estar japonesas, são belas, não há dúvida, mas na minha opinião as latrinas oferecem paz de espírito aos usuários. Construída invariavelmente longe do corpo da casa, à sombra de arbustos e em meio à folhagem e ao musgo de verde fragrância, a ela se chega transpondo corredores, quando então, acororado em meio à baça claridade refletida pelo *shoji*, considero simplesmente indescritível a sensação de contemplar o jardim pela janela e me perder em pensamentos. Segundo dizem, o escritor Soseki Natsume contava as idas matinais ao banheiro entre os prazeres de sua vida, e delas auferia êxtase fisiológico. E para experimentar tal êxtase não há em minha opinião lugar mais adequado que uma latrina em estilo japonês, onde, cercado por sóbrias paredes de madeira de requintado veio,

* Aqui, o autor se refere ao compartimento externo com vaso sanitário e fossa.

pode-se contemplar tanto o céu azul como o verdejante frescor das plantas. Além disso, volto a dizer, é imprescindível que o ambiente seja sombrio e absolutamente limpo, e esteja imerso em silêncio tão profundo que torne audível até o fino zumbido de um pernilongo. Gosto de ouvir a chuva caindo mansamente enquanto estou em latrinas semelhantes. Sobretudo as da região de Kanto, providas de longas e estreitas aberturas similares a janelas ao rés do chão,* possibilitam ouvir bem de perto o suave murmúrio da chuva que, gotejando de um beiral ou de folhas, lava a base da lanterna de pedra, umedece o musgo crescido em bordas de lajotas e quietamente desaparece terra adentro. Com efeito, são lugares propícios para se ouvir o cricrilar de grilos e o gorjeio de pássaros, propícios também para apreciar o luar: neles se sente com penetrante intensidade a passagem das estações e a transitoriedade das coisas terrenas, neles provavelmente poetas de antanho vislumbraram temas para seus haicais. Assim, não considero de todo impossível afirmar que a latrina é a dependência de maior valorização estética da arquitetura japonesa. Com sua ímpar capacidade de tudo transformar em poema, nossos antepassados acabaram por converter em ponto de extremo bom gosto o mais insalubre aposento da casa, unindo-o a manifestações de incomparável formosura da natureza — flores, pássaros, brisa ou luar — e a uma cadeia de concepções poéticas repletas de nostalgia. Comparada à atitude ocidental de ver a latrina como algo deletério, impróprio até para ser citado em público, a nossa é mais sábia, compreendeu o substrato do requinte. E se algum defeito tem de existir, o único a meu ver é o da localização: situada em ponto distante do corpo da casa, seu uso no meio da noite pode ser desconfortável, principalmente no rigor do inverno, quando se arrisca a pegar um resfriado. Ainda assim considero pre-

* Aberturas para facilitar a limpeza.

ferível que a temperatura de tais instalações seja a mesma da do ambiente externo, citando como justificativa o escritor Ryoku Saito, segundo o qual “o frio estimula a estesia”. O ar morno da calefação que bafeja o interior de banheiros em hotéis, por exemplo, é para mim extremamente desagradável. É portanto quase certo que nosso conceito de latrina seja considerado ideal por todo amante da pura arquitetura japonesa, mas não é fácil manter a limpeza desse tipo de instalação no padrão impecável dos que existem em instituições como o templo, onde a área construída é bem maior que o número de usuários e onde há também um eficiente pessoal de manutenção. Numa casa, a observância estrita de boas maneiras e de regras de limpeza não impedirá a sujeira de aparecer eventualmente, em particular se o piso da latrina for de madeira ou de tatame. E assim, acabo concluindo que um banheiro ocidental azulejado e com vaso sanitário ligado à rede de água e esgoto é mais higiênico e fácil de manter e, em troca, digo adeus à estesia e à apreciação da natureza. Claro, pois com quatro paredes de puro branco e tanta claridade concentrada, será difícil experimentar a sensação de “êxtase fisiológico” mencionada por Soseki. Realmente, ninguém há de discutir higiene num ambiente de imaculada brancura que expõe cada canto ou fresta, mas qual a necessidade de se visualizar com tanta clareza o local destinado ao que expelimos do nosso organismo? Se nem à beldade de alva pele acetinada perdoamos a grosseria de exhibir seu traseiro ou pés desnudos, a excessiva iluminação que desvenda e exhibe todo detalhe é ofensa ímpar, sem falar que a limpeza do que vemos nos leva a pensar naquilo que não vemos. Eis por que continuo achando que lugares como banheiros devem ser envoltos numa suave penumbra que torne vaga e imprecisa a linha entre o higiênico e o não higiênico. E assim, acabei instalando louça sanitária interligada à rede de água e esgoto no banheiro de minha casa, mas preferi assoalhar o piso

com tábuas de canforeira para obter um ar bem japonês e excluí por completo os azulejos. Àquela altura, porém, problema maior foi escolher o aparelho sanitário. Como todos sabem, os disponíveis no mercado são todos imaculadamente brancos e têm detalhes metálicos brilhantes. Por meu gosto, optaria por vasos de madeira, um exclusivamente masculino e outro feminino. A madeira encerada seria ainda melhor, mas mesmo sem nenhum acabamento esse tipo de material adquire tonalidade escurecida com o passar do tempo, e o atraente desenho dos veios proporciona curioso efeito relaxante. Sobretudo atraente é, para mim, o mictório forrado todas as manhãs com ramos de cedro recedentes que, além de agradáveis à vista, têm a vantagem de tornar a micção silenciosa. A manutenção desse tipo de luxo, porém, está acima de minhas posses, de modo que pensei em me contentar mandando fazer um vaso do meu gosto, ao qual adaptaria o sistema de descarga convencional, mas até disso fui obrigado a abrir mão por causa da dificuldade e do alto custo que representaria a execução dessa peça única. E foi nessa altura que me dei conta: luminárias, aquecedores e aparelhos sanitários são modernidades a cuja adoção não me oponho; mas como foi que nós, os japoneses, não nos empenhamos em aperfeiçoá-los para melhor conformá-los a nossos hábitos, gostos e modo de vida?

Nos últimos tempos, a crescente popularidade dos abajures elétricos muito parecidos com seus precursores medievais — aqueles providos de quebra-luz de papel — vem provar que desperta entre nós uma vez mais a percepção momentaneamente adormecida de que o papel, além de macio e cálido, também se harmoniza mais que o vidro com uma casa japonesa. Infelizmente, porém, nada semelhante ocorreu com relação a aparelhos sanitários e a estufas, pois deles até hoje continuam inexistindo na

praça exemplares mais condizentes com nosso ambiente. Na questão das estufas, acredito que a melhor adaptação foi aquela que eu mesmo consegui, qual seja, a de instalar brasas elétricas no fundo de um braseiro tradicional cavado no piso do aposento, mas o que mais me intriga é que ninguém até hoje tenha sequer tentado implementar tais pequenas modificações e que continuem à venda apenas as desajeitadas estufas ocidentais. As únicas versões elétricas de aquecedores japoneses existentes no mercado são adaptações dos tradicionais braseiros a carvão (*hibachi*), pequenos e insuficientes para esquentar um aposento. Alguns dirão que discutir preferências e antipatias por esta ou aquela prosaica engenhoca de uso diário é luxo reservado aos que não têm o que fazer na vida. Que importância teria a forma das tais engenhocas se nos protegem das intempéries ou nos salvam de morrer de fome? Realmente, por mais que tentemos negar, o frio dos dias nevados é intenso, e se deparamos com invenções úteis para atenuá-lo, a tendência inevitável é buscar rapidamente seus benefícios e deixar de lado a questão estética. Essas considerações levam-me sempre a imaginar quão diferente seria o aspecto atual da nossa sociedade caso uma cultura científica única, diversa da ocidental, houvesse prosperado no Oriente. Por exemplo, se tivéssemos desenvolvido física ou química únicas, exclusivamente nossas, não teriam, tanto a tecnologia como a indústria nelas baseadas, se desenvolvido de maneira diferente e, por conseguinte, dado origem a incontáveis pequenos inventos, bem como a remédios e a artefatos mais ajustados às características do nosso povo? Melhor ainda, os próprios princípios da física e da química se baseariam em visões diferentes das ocidentais, e tanto a natureza como o desempenho de fenômenos como luz, eletricidade e átomo apresentariam agora aspectos diferentes daqueles que hoje conhecemos. Sem nada entender de teorias científicas, estou apenas tecendo vagas conjecturas levado pela

imaginação, mas supondo que, se ao menos os inventos de uso prático tivessem trilhado um rumo original em nosso país, tais inventos teriam obrigatoriamente exercido, antes de mais nada, ampla influência sobre o nosso cotidiano e, em seguida, também sobre a nossa estrutura política, religiosa, artística e industrial. Esse raciocínio leva-me facilmente à conclusão de que o Oriente teria desenvolvido um universo todo seu, peculiar e ímpar. Exemplos disso são dois objetos familiares, a caneta-tinteiro e o pincel, sobre os quais já escrevi anteriormente num ensaio para o mensário *Bungeishunju*. Se a caneta-tinteiro tivesse sido inventada na Antiguidade por japoneses ou chineses, na certa teria adaptada à sua ponta não uma pena, mas um tufo de pelos semelhante ao de pincéis. Ademais, a tinta não teria essa cor azulada, mas seria um tipo de *sumi* líquida que escorreria aos poucos do corpo da caneta para umedecer os pelos. Nesse caso, não usaríamos o papel ocidental para escrever, e sim folhas com características semelhantes às do papel japonês (*washi*), mas de categoria um tanto inferior (*kairyobanshi*) para atender à demanda em massa. E se papel, *sumi* e pincel tivessem realmente evoluído dessa maneira, caneta e tinta não teriam a popularidade de que hoje gozam, discussões sobre a romanização da escrita japonesa não teriam campo para se expandir e, em contrapartida, a preferência popular pelos ideogramas e pela escrita de nomes ocidentais com ideogramas foneticamente adaptados teria saído fortalecida. Aliás, as alterações não se restringiriam às citadas; elas alcançariam também o nosso modo de pensar e até a nossa literatura, que então talvez não imitasse tanto a ocidental e se expandisse rumo a um mundo novo e criativo. Assim considerada, a esfera de influência de um simples artigo de papelaria é quase inimaginável.

Sei muito bem que as considerações acima são apenas devaneios de um escritor e que no estágio em que nos encontramos é impossível voltar atrás e recomeçar. Estou apenas desejando o impossível e me lamuriando, mas já que estamos no terreno das lamúrias, creio não fazer mal algum prosseguir mais um tanto e considerar o tamanho da nossa desvantagem em relação aos ocidentais. Resumindo, o Ocidente veio trilhando seu caminho natural rumo ao que é hoje, enquanto o Oriente, confrontado com uma civilização superior, absorveu-a mas, em troca, desviou-se da própria rota de progresso que percorria havia alguns milênios e buscou novos rumos, o que no meu entender originou inúmeros desacertos e inconveniências. Contudo, isso não significa que teríamos feito grandes progressos materiais caso tivéssemos sido deixados à mercê de nossa própria sorte nos últimos quinhentos anos. Basta ver que no interior da China e da Índia o povo ainda leva um tipo de vida quase idêntico ao da época de Sidharta Gautama e Confúcio, mas ao menos estaríamos seguindo um rumo que nos agrada. E um dia — impossível não seria — talvez viéssemos a descobrir, em lento e cuidadoso progresso, substitutos para os trens, os aviões e os rádios atuais, inventos não mais tomados de empréstimo de outras civilizações, e sim modernas conveniências realmente adequadas ao nosso modo de vida. Exemplo disso é o cinema: o sombreamento e o matizado das fitas americanas diferem dos das francesas e alemãs. Ou seja, mesmo desconsiderando enredos ou modos de atuar, as nacionalidades diferentes manifestam-se de algum modo na imagem fotográfica. Se fitas que usaram o mesmo tipo de filme, filmadora e química produzem tanta diferença, imaginem o que não faria uma tecnologia fotográfica própria, só nossa, adequada a nossa pele, feições, tempo e clima. O mesmo se pode dizer de toca-discos e rádios: caso os tivéssemos inventado, na certa eles ressaltariam as características de nossas vozes e instrumentos musi-

cais. Nossa música primitiva é contida, toda feita de atmosfera. Gravada em disco ou amplificada, perde boa parte de seu encanto. O mesmo se dá com a arte narrativa que, em nosso caso, é realizada em voz baixa, com economia de palavras e, sobretudo, num ritmo peculiar cuja propriedade se perde totalmente em gravações. E então acabamos distorcendo nossa própria arte para que ela se ajuste às máquinas. O ocidental, contudo, desenvolveu o próprio engenho, o qual obviamente serve aos interesses dele. Imagino que isso tenha originado inúmeras desvantagens para nós.

O papel, segundo ouvi dizer, foi inventado pelos chineses, e para nós, os japoneses, o papel ocidental nada mais é que uma utilidade; já o aspecto e a textura do papel japonês (*washi*) ou do chinês (*toushi*) nos proporcionam sensação de tépido aconchego e paz de espírito. Além disso, a brancura do papel ocidental difere da do papel japonês especial (*housho*), ou da do papel chinês branco (*hakutoushi*). A textura do papel ocidental tende a repelir a luminosidade, mas tanto o *housho* como o *hakutoushi* têm textura suave semelhante à da macia primeira neve de inverno e como ela absorve brandamente a luz. Bastante maleável, não produz ruído ao ser dobrado ou amassado. Manuseá-lo é o mesmo que tocar em folhas de árvores frescas e úmidas.

De modo geral, nós, os japoneses, sentimos desassossegado diante de objetos cintilantes. No Ocidente, prata, ferro ou cobre são usados na fabricação de aparelhos de jantar e talheres, os quais são polidos até brilhar, coisa que não apreciamos. Às vezes, fazemos chaleiras, taças e frascos de saquê de prata, mas não os lustramos. Ao contrário, aprez-nos observar o tempo marcar sua passagem esmaecendo o brilho do metal, queimando e esfumando sua superfície. Verdadeiras comoções são provocadas